

CARLA TUDECH WIERING

**AFRICANIDADES BRASILEIRAS:
AS LÍNGUAS AFRICANAS NA FORMAÇÃO DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE MOEMA
JABOTICABAL – SP
2008**

CARLA TUDECH WIERING

**AFRICANIDADES BRASILEIRAS:
AS LÍNGUAS AFRICANAS NA FORMAÇÃO DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Língua Portuguesa: compreensão e produção de textos.
Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Wagner.

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE MOEMA
JABOTICABAL – SP
2008**

Dedico

Aos meus pais, pelo carinho e compreensão que sempre me proporcionaram.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo sentido da vida.

Ao Prof. Luiz Roberto Wagner, pela orientação.

Aos professores da Faculdade São Luís, pelas contribuições e sugestões.

Aos colegas de curso de pós-graduação, pelo companheirismo e prazerosa convivência.

O homem é homem e o mundo histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação. (FREIRE, 1983, p. 76).

RESUMO

O presente trabalho busca abordar a influência das línguas africanas no português brasileiro. Através de pesquisa bibliográfica, procuramos esboçar um panorama geral da vinda dos negros africanos para o Brasil na época da colonização, focalizando os contatos lingüísticos entre os falantes africanos e os povos aqui presentes neste período histórico. Destacamos controvérsias e convergências teóricas que caracterizam os estudos do presente tema, bem como as dificuldades, preconceitos e resistência relacionados ao conhecimento das línguas africanas no português brasileiro. No decorrer deste trabalho, sublinhamos também traços do africano em nossa língua e algumas diretrizes de pesquisa com respeito às trocas lingüísticas ocorridas com a vinda do africano para o Brasil influenciando a formação do português brasileiro.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. As Línguas Africanas no Brasil: aspectos histórico-sociais	9
1.1 A identidade lingüística brasileira.....	9
1.2 Presença africana no português brasileiro: divergências teóricas.....	11
1.3 A presença dos africanos no Brasil.....	14
2. África-Brasil: intercâmbios lingüísticos.....	18
2.1 O banto.....	18
2.2 O ewe-fon e o ioruba.....	19
2.3 As estruturas lingüísticas.....	20
3. O Africano no português brasileiro: a força da linguagem oral.....	23
3.1 Vocábulos africanos.....	24
3.2 Religião e Música.....	27
3.3 Resgatando a presença lingüística africana.....	28
Considerações finais.....	31
Referências.....	33

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa procura focalizar a influência das línguas africanas no português do Brasil, identificando os traços lingüísticos atribuídos ao contato do português com as línguas afro-negras que estiveram presentes no Brasil, no período de colonização.

Procuramos destacar alguns aspectos referentes à realidade sócio-lingüística brasileira no que diz respeito à sua formação histórica. Assim, partindo de uma análise de caráter lingüístico e histórico focalizamos, no português brasileiro, traços que caracterizam a influência africana e se destacam como uma das significativas diversidades lingüísticas em nosso país. Além disso, procuramos discutir como a presença africana na língua portuguesa foi alvo de preconceitos e interpretações equivocadas a respeito de nossa realidade lingüística, à medida que ocorre de forma socialmente estratificada.

Considerando que a cultura, ou seja, o modo de representação do mundo, as formas de sensibilidade, modos de vida, linguajar etc que caracterizam uma determinada sociedade, é um aspecto fundamental da identidade de um povo, sabemos que o espaço africano constitui uma referência fundamental na configuração do perfil da nacionalidade brasileira. Portanto, é imprescindível considerar a atuação lingüística dos falantes africanos na configuração de nossa língua. Esses povos introduziram na cultura brasileira, por meio de suas diversas línguas, sua visão de mundo, seus valores e costumes.

No primeiro capítulo do presente trabalho – “As línguas africanas no Brasil: aspectos: histórico-sociais”- procuramos abordar algumas questões a respeito de nossa identidade lingüística, bem como o modo com que alguns autores tratam esse tema, no que diz respeito à influência africana no português brasileiro.

Seguidamente, no capítulo intitulado “África-Brasil: intercâmbios lingüísticos”, focalizamos as línguas africanas presentes em nosso país e a forma como as mesmas estabeleceram trocas lingüísticas com o português brasileiro.

Por fim, no último capítulo – “O africano no português brasileiro: a força da linguagem oral” - destacamos a forma como a oralidade, característica das línguas africanas, marcou sua presença em nossa língua e cultura, observando, ainda, alguns posicionamentos teóricos a esse respeito.

Objetivamos, com este trabalho, destacar as relações entre fatos lingüísticos e fatos históricos na constituição da língua portuguesa brasileira e contribuir tanto com as reflexões sobre o papel das línguas afro-negras na configuração de nossa identidade lingüística, como também com a valorização da referida problemática, a qual, como veremos, apresenta, ainda, amplo horizonte histórico e lingüístico a ser descortinado.

1 AS LÍNGUAS AFRICANAS NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS

1.1 A identidade lingüística brasileira

A língua portuguesa brasileira freqüentemente tende a ser vista como uma herança exclusivamente lusitana. Sabemos que não falamos no Brasil o mesmo português que se fala em Portugal, no entanto, de maneira geral, não sabemos definir as especificidades do português brasileiro e reconhecer as características que configuram suas particularidades, distinguindo-o da língua corrente em Portugal. A língua portuguesa no Brasil possui certas singularidades em função de fatores históricos e sócio-culturais. Deparando-se com contextos e situações bem diferentes daqueles encontrados em outros territórios de colonização lusitana, o português no Brasil apresenta aspectos peculiares que demandam estudos a respeito das línguas, povos e processos sociais que vieram a contribuir para sua formação e para nossa identidade lingüística.

Para tanto, é necessário reconhecer, principalmente, as presenças africanas e indígenas nos falares nacionais. Assim, refletir sobre o português do Brasil é também refletir sobre as condições históricas e sociais em que a língua portuguesa trazida de Portugal se inscreve ao aqui chegar. Compreender o Brasil e a língua aqui falada remete-nos aos primeiros contatos estabelecidos em solo brasileiro. Contatos esses, que iniciarão a constituição de um novo povo e de uma nova língua.

Um destes povos, sobre os quais desenvolveremos nossa discussão, são os escravos africanos, trazidos para a colônia portuguesa a partir do século XVII. A presença do negro africano na cultura brasileira, desde o século XVI, merece atenção especial no âmbito dos estudos que tratam da constituição de

uma identidade lingüística brasileira. É necessário destacarmos duas implicações das línguas africanas em relação ao Brasil. Implicações históricas e teóricas. As primeiras, tendo em vista a presença histórica das línguas africanas no Brasil, e as segundas, levando em conta as especificidades da língua portuguesa no Brasil.

Podemos dizer que uma das diferenças significativas entre o português brasileiro e o falado em Portugal é justamente a importante contribuição africana, sendo que o alcance dessa contribuição ainda é muito discutido.

No entanto, há uma grande carência de material sobre o tema. Diversos pesquisadores do assunto se queixam da ausência de documentos lingüísticos do tempo da escravidão e de papéis oficiais relativos ao tráfico negreiro, que poderiam contribuir na compreensão dos falantes africanos. Tais documentos foram destruídos por ordem governamental em 1891, três anos após a abolição da escravatura no país, visando, embora não confessadamente, a evitar o pagamento, pelo Estado, de indenização aos senhores de escravos. Porém, esse tipo de dificuldade, não deve desestimular o trabalho dos pesquisadores, uma vez que se trata de resgatar nossos referenciais históricos e lingüísticos.

Vários autores apontam, ainda, que os obstáculos em se localizar as referências africanas da língua portuguesa também se devem ao preconceito generalizado socialmente em torno dos afro-descendentes, os negros, os mulatos, os morenos-escuros do Brasil. Atitude essa que se remete, também, a outras referências culturais africanas, como universos religiosos, estéticos e mesmo ético-filosóficos. Haveria, assim, uma certa resistência em se reconhecer a herança afro-negra no português do Brasil.

A esse respeito, Nei Lopes (1988) sublinha a existência desse preconceito no trabalho de intelectuais brasileiros de grande importância, como Nina Rodrigues, Sílvio Romero, Afrânio Peixoto, Caio Prado Jr. e Manuel Diégues Jr., entre outros.

Nessa mesma perspectiva, Yeda Pessoa de Castro (2001) ressalta essas resistências por parte dos intelectuais. Castro é doutora em línguas africanas e possui vários trabalhos publicados sobre o assunto. Seu livro “Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro” é considerado a obra mais completa já escrita sobre as influências das línguas africanas no português do Brasil. Trata-se de um estudo realizado através de 40 anos de pesquisa na Bahia, na República Democrática do Congo (ex-Zaire) e na Nigéria, no qual a autora nos mostra o

quanto, os numerosos idiomas dos africanos, contribuíram com a formação da língua portuguesa brasileira.

Chamando atenção para o preconceito em não se admitir que línguas de tradição oral, e de negros escravos, pudessem influenciar uma língua de prestígio literário como a portuguesa, Castro defende a idéia de que o negro no Brasil adquiriu o português como segunda língua e foi o responsável pela difusão da língua portuguesa em território brasileiro, daí seu papel significativo na construção de nossa linguagem.

Os estudos mais sistemáticos das línguas africanas iniciaram-se a partir do século XV, mas foram interrompidos após o século XVIII, devido à política do Marquês de Pombal no Brasil. Porém, a partir da descoberta do sânscrito, no século XIX, as pesquisas sobre as línguas africanas receberam maior atenção, principalmente na França e na Inglaterra. Após a década de 70, novos países desenvolveram seus estudos sobre as línguas africanas, como Estados Unidos, Finlândia, Alemanha e África do Sul.

Em termos lingüísticos, o negro africano parece ser o terceiro dos povos que vieram para o Brasil nos primeiros séculos de colonização, depois dos indígenas e portugueses. Sob o domínio de um tráfico de pouco investimento e lucros extraordinários, o africano satisfaz a necessidade da mão-de-obra nas lavouras, tanto de exportação e como de consumo interno, atendeu aos trabalhos domésticos, às atividades cotidianas e serviços urbanos.

Enquanto os colonizadores estiveram fortemente ligados aos cânones da língua da metrópole portuguesa, nas demais categorias sociais da população brasileira, as línguas indígenas e as línguas africanas foram progressivamente substituídas por variedades profundamente alteradas da língua portuguesa.

Nesse processo, a intensidade das mudanças ocorridas na estrutura da língua portuguesa, devido ao contato entre línguas, variou muito em função do contexto sócio-econômico e etno-demográfico.

1.2 Presença africana no português brasileiro: divergências teóricas

Os estudos acadêmicos, em sua maior parte, compreendem a língua africana apenas enquanto possibilidade de influenciar o português brasileiro, sem, no

entanto, atingir sua estrutura lingüística. As pesquisas mais recentes admitem a presença de um léxico significativo de origem africana, mas questionam a participação africana na gramática (fonologia e sintaxe) do português brasileiro. Os defensores, por sua vez, associam o referido contato lingüístico a processos de criouliização do português.

É importante destacar que, se os estudos de línguas indígenas difundiram-se pelo país, a mesma coisa não aconteceu com os estudos da lingüística africana. Poucos pesquisadores dedicaram-se a esse campo de conhecimento. Além disso, muitos estudos sobre a influência de línguas africanas no português brasileiro ou sobre a questão da criouliização ou da semicriouliização não estavam apoiados em um conhecimento mais profundo das línguas dos escravos que foram trazidos para o Brasil.

No entanto, tem se verificado, em nosso país, uma geração recente de pesquisadores, trazendo uma nova luz com respeito ao contato das línguas africanas com o português do Brasil, tema que tradicionalmente foi negligenciado por estudiosos brasileiros da língua portuguesa.

Para Castro (2001), explicar o papel do componente africano na formação do português brasileiro é levar em conta a participação do negro-africano como sujeito falante e ativo no desenvolvimento de nossos acontecimentos históricos, buscando a compreensão de fatos relevantes de ordem sócio-econômica e de natureza lingüística que, ao longo do tempo, favoreceram a atuação das línguas africanas na língua portuguesa no Brasil.

De acordo com a autora, a participação dos povos africanos no português brasileiro se apresenta em todos os setores: léxico, semântico, prosódico, sintático e, principalmente, na língua falada, onde a presença negra ocorreu de forma mais rápida e profunda.

Alguns autores afirmam que as influências das línguas africanas no português brasileiro não se dão, muitas vezes, de maneira direta, mas por meio de processos amplos de incorporação de certos padrões lingüísticos. É o caso, por exemplo, de Esmeralda Vailati Negrão e Evani Viotti (2008), seus estudos destacam por se debruçarem sobre a língua portuguesa brasileira do ponto de vista sintático-semântico. As autoras focalizaram a sintaxe de algumas estratégias de formas de impessoalização correntes no português brasileiro contemporâneo, compreendendo

existir em nossa língua uma estrutura próxima à encontrada no quimbundo, língua cuja ausência de passiva foi descrita desde o século XVII.

Todavia, existem muitas divergências entre os especialistas no assunto acerca do alcance da influência africana em nossa língua. Como se percebe, é um amplo leque de problemas e questões que se apresentam com respeito ao tema.

Os primeiros estudiosos do século passado atribuíram às línguas africanas e às também indígenas a responsabilidade pela especificidade do português no Brasil. Assim, remetiam à influência das línguas africanas a razão de muitas características que distinguem o português brasileiro do europeu. No entanto, havia, como ainda há, muitas controvérsias a esse respeito.

Serafim da Silva Neto (1988), embora considerando a formação de um português crioulo e semicrioulo decorrentes do aprendizado “imperfeito” do português por falantes africanos, descarta a influência destes na constituição do português no Brasil. Silva Neto argumenta que, em função da escola e da influência das altas classes, essa língua foi desaprendida em benefício da linguagem culta. Na sua perspectiva, a presença africana teria apenas acelerado as tendências latentes na língua portuguesa. De acordo o autor,

os crioulos são falares de emergência, com caracteres definidos e vida própria, que consistem na deturpação e simplificação extrema de uma língua, quando imperfeitamente transmitida e aprendida por gente de civilização inferior (SILVA NETO 1988, p. 436).

Para esse lingüista, a participação da língua africana, assim como de outras línguas, no português do Brasil, foi sempre exagerada, talvez em razão do anseio em exaltar a riqueza do nosso vocabulário ou em afirmar nossa especificidade lingüística, o que promoveria o reconhecimento de uma língua brasileira, uma vez que esta foi sempre comparada com o português de Portugal.

Os resultados das investigações ficaram muito obscurecidos pela má colocação dos problemas, tão importantes e sedutores, da influência de uma língua noutra. Rigorosamente falando, uma língua não age sobre outra, visto que as línguas não têm existência fora dos homens que a falam: a interferência lingüística é um dos aspectos de aculturação, isto é, dos fatos que decorrem do contacto dos homens que possuem culturas (e portanto línguas) diferentes” (Silva Neto, 1988, p.594)

Silva Neto compreende que a presença africana se deu principalmente no contexto rural, que não pôde jamais ser incisiva na cidade, porque a situação econômica do negro, assim como sua origem e cor não o ligavam às classes mais prestigiadas da população. Além disso, o autor argumenta que a substituição do trabalho escravo pelo assalariado contribuiu para a nossa diferenciação dialetal, uma vez que afastava, então, o branco da convivência com a maioria da população negra.

A presença africana no português brasileiro chegou a ser vista por diversos estudiosos do Brasil com muitas ressalvas. A tendência era percebê-la como uma deformidade da língua, “vestígios de dialetos crioulos”; “simplificação extrema”, resultado da “má aprendizagem do português” pelos escravos e seus descendentes, de língua “tosca”, “rude” e “grosseira”, que ‘deturpam’ e “deformam” foneticamente articulações do dialeto popular do Brasil.

Essas idéias e atitudes lingüísticas foram mudando na medida em que a africanidade passou a ser uma característica cada vez mais positiva.

O tema também atraiu a atenção de autores estrangeiros. Alguns estudiosos defendiam a hipótese da criouliização prévia do português brasileiro, levando em conta que a convivência e o contato lingüístico com uma grande população africana, por mais de três séculos, conduziram, inevitavelmente, a uma história da língua influenciada pela criouliização.

1.3 A presença dos africanos no Brasil

Como sabemos, foi através do tráfico de escravos que as línguas africanas tornaram-se presentes no Brasil.

O tráfico negreiro se iniciou com a introdução do cultivo da cana-de-açúcar na antiga capitania de São Vicente, no Recôncavo Baiano e em Pernambuco, nos primórdios da colonização. Ele se intensificou no século XVII, difundindo-se por todas as regiões ocupadas pelos portugueses.

De acordo com Castro (2001), do século XVI ao século XIX, o tráfico transatlântico trouxe em cativeiro para o Brasil por volta de quatro milhões de falantes africanos de diversas origens. Os sudaneses, da região situada ao Norte do

Equador - ciclo da Guiné, século XVI. Os bantos, ao Sul do Equador - ciclo do Congo e de Angola, século XVII. Os sudaneses da Costa Ocidental - ciclo da Costa da Mina e ciclo da baía do Benin, no início do século XVIII. No século XIX, chegam escravos de todas as regiões, predominando os originários de Angola e Moçambique. No entanto, é importante destacar que até hoje não se tem certeza sobre o número de africanos que aportaram no Brasil, bem como sobre sua origem étnica, geográfica e as línguas e dialetos que falavam.

Essa migração massiva de escravos gerou um contingente de negros e afro-descendentes superior ao número de portugueses e outros europeus no solo brasileiro. Atribui-se a essa superioridade numérica um fator relevante no que diz respeito à influência das línguas africanas no português do Brasil.

As estatísticas registravam que praticamente a metade da população brasileira era formada por escravos. Essa cifra afirma pequeno aumento no censo de 1817-1818, ultrapassando a casa dos 50% da população total. Estima-se que as línguas africanas no Brasil representavam mais que 20% das línguas da África, aproximadamente de 300 a 400 línguas, com falantes por todo o território brasileiro (HOUAISS, 1922). É o caso, por exemplo, do nagô (ioruba), chegando a ter contingentes bem numerosos na Bahia - no recôncavo, em Salvador - que, segundo o autor, “podiam ter mantido intercâmbio local de várias línguas dessa procedência: entretanto, sabe-se que os escravos, salvo nos fins do tráfico negreiro, foram separados por línguas” (HOUAISS, 1922, p. 109). Entretanto, vale destacar, essa imigração negra também tem sido foco de polêmica no que se refere a estimativas.

Conforme Houaiss (1922, p. 96), a população portuguesa, em sua maioria, (a brasileira) até fins do século XVIII era não letrada e falava o português vernáculo – ou seja, o que haviam aprendido em casa - já marcado pela influência do ambiente com linguagem mista. Nessa perspectiva, num primeiro momento, surgem os “pidgins”, e mais adiante, o crioulo, uma vez que as novas crianças aqui nascidas passam a aprender e a assimilar uma nova versão da língua de seus antepassados, deixando profundos traços, principalmente, nas estruturas fonológica e sintática do português.

No contexto das relações sociais no Brasil da época da escravidão, devemos recordar, ainda, que foram as amas-de-leite ou as chamadas “mães-pretas” que, no contato com o recém-nascido e com as crianças, ensinaram-lhes as primeiras palavras, incutiram-lhes as primeiras expressões lingüísticas e transmitiram direta ou

indiretamente os valores de sua cultura. Assim também, os negros, especialmente as crianças negras, embora vivendo nas senzalas, trocaram experiências lingüísticas com as crianças brancas.

A esse respeito, é interessante o parecer do lingüista Mattoso Câmara Jr. que considera que o português crioulo dos escravos agiu sobre o português dos brancos. De acordo com o autor, essa atuação foi possível, tendo em vista a situação de contato social configurada pela sociedade colonial brasileira – um contato intenso e estreito, entre brancos e negros africanos (CÂMARA JR., 1975). Contato solidificado no dia a dia de latifúndios e fazendas. Nesse cotidiano, o autor destaca a interação especial estabelecida entre amas-de-leite escravas e as crianças brancas, as quais devem ter adquirido, de início, sem perceber, elementos do português crioulo que as escravas usavam (CÂMARA JR., 1975). O autor compreende que, no que diz respeito aos brancos, o grupo socialmente superior, o português falado por eles adquiriu elementos do falar crioulo, pertencente ao grupo inferior. Os negros africanos, depois de abandonarem suas línguas de origem, passaram a falar o português brasileiro.

Devemos considerar, ainda, o processo de miscigenação racial que conferiu ao negro sua importância social na formação histórica do Brasil. Como podemos observar, a interação social entre brancos, índios e negros ocorreu simultaneamente com a interação lingüística e impulsionou, de modo particular, transformações significativas na língua portuguesa trazida para Brasil.

Assim, presume-se que a fala africana, no cotidiano de trabalho, na convivência diária, apresentou uma certa contribuição na consolidação da linguagem utilizada no Brasil até meados do século XVIII por bandeirantes e catequistas. É importante destacar, ainda, que muitos desses negros já estavam habituados ao contato com a língua portuguesa, pois se comunicavam na língua franca da costa ocidental africana de base portuguesa.

A população negra, embora numerosa, enfrentava as conseqüências de uma política etnocida e glotocida utilizada pelos colonizadores, reprimindo ao máximo sua identidade. Essa política ocorria desde sua saída, nos portos e postos negreiros, da própria África. Já no Brasil, os negros eram dispersos de várias maneiras, formando, inclusive, grupos bem diversificados, como os quilombolas (negros e índios), valendo-se de uma língua geral.

As línguas africanas sofreram a perda de sua continuidade em seu território de origem, e encontraram no Brasil um contexto lingüístico heterogêneo, com contatos com o português, as línguas indígenas e outras línguas africanas e que se realizaram de forma diferenciada, em diferentes épocas e espaços sociais.

Considera-se, que os escravos, para adaptarem-se facilmente à sociedade branca, bem como às novas línguas com as quais se depararam, logo criaram uma língua corrente, integrando-se, rapidamente, às suas principais atividades; o que propiciou, segundo alguns lingüistas, o desenvolvimento de um português crioulo, que uniu entre si os negros das mais diversas proveniências.

2 ÁFRICA - BRASIL: INTERCÂMBIOS LINGÜÍSTICOS

2.1 O banto

Segundo Yeda Pessoa de Castro (2001), entre os grupos lingüísticos africanos, os negros bantos (denominados tradicionalmente de congo-angola) foram o mais importante agente transformador e difusor da língua portuguesa em sua modalidade brasileira por todo o território nacional.

A influência do banto em nossa língua apresenta maior profundidade em função do tempo de permanência deste povo no Brasil, da densidade demográfica e do modo como essa população se distribuiu amplamente pelo território brasileiro.

Os bantos vieram ao Brasil dois séculos antes dos ewes e três séculos antes da chegada dos iorubas; regionalmente, sua presença adquire destaque, uma vez que o solo nordestino concentrou grande parte dos latifúndios voltados para o plantio da cana-de-açúcar e fabricação do açúcar para exportação, principal ocupação da mão-de-obra escrava.

Para se ter uma idéia da forte presença dos bantos no Brasil do século XVII, em 1697, é publicada, em Lisboa, “A Arte da língua de Angola”, do padre Pedro Dias. Trata-se da mais antiga gramática de uma língua banto, escrita na Bahia, para uso dos jesuítas. Seu objetivo era facilitar a doutrinação dos africanos que se encontravam na cidade de Salvador sem falar português (SILVA NETO, 1963).

Segundo Arthur Ramos (1961), um dos primeiros autores a destacar a importância dos negros bantos para a cultura brasileira, a presença africana banto é verificada no Alagoas, Pernambuco, Maranhão, Minas Gerais e Rio de Janeiro desde o início do século XVI, continuando até 1850, quando, então, o tráfico fica

legalmente proibido no país. De acordo com o autor, essas populações bantas se apresentavam, elas mesmas, como o resultado de antigas mestiçagens. Esse processo de hibridização se caracteriza, assim, como um instigante traço desse grupo lingüístico para reflexão.

O grupo lingüístico banto compreende cerca de 300 línguas muito semelhantes, faladas em 21 países: Camarões, Chade, República Centro-Africana, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo-Kinshasa), Burundi, Ruanda, Uganda, Tanzânia, Quênia, Malavi.

Com respeito a essa diversidade de línguas de domínio banto, Castro afirma que existem várias e complexas classificações, mas que:

nesse emaranhado de línguas, foram relativamente importantes sobre outras, no Brasil, três línguas litorâneas – umbundo, quimbundo (Angola) e quicongo (Angola e Congo-Brazzaville) (CASTRO, 2002, p. 42-43).

Ainda hoje, inúmeros dialetos de base banto são falados como línguas especiais por comunidades negras da zona rural, possivelmente oriundas de antigos quilombos em várias regiões brasileiras.

2.2 O ewe-fon e o ioruba

Juntamente a essa matriz banto já estabelecida, também foram registrados os aportes do ewe-fon e do ioruba, menos extensos e mais localizados, embora igualmente significativos para o processo de síntese pluricultural brasileira, principalmente no domínio da religião (CASTRO, 2001).

Os aportes culturais ewe-fon foram responsáveis pela configuração das religiões denominadas Tambor de Mina, no Maranhão, e pela estrutura conventual do modelo urbano jeje-nagô do candomblé da Bahia.

Segundo Castro (2002), em função da grande concentração dessa população, no século XVIII, em Vila Rica, chegou a ser corrente entre a escravidão da região um falar de matriz ewe-fon, que foi, inclusive, documentado em por Antônio da Costa

Peixoto em “A obra nova da língua geral de mina”, publicada em 1945, em Lisboa. Esse documento lingüístico foi considerado o mais importante do tempo da escravidão no Brasil e, de acordo com o próprio autor, tinha a finalidade de servir como um instrumento de dominação, visando reprimir fugas, rebeliões etc.

Os iorubas, que vieram mais posteriormente, se concentraram, sobretudo, em Salvador. Devido a esse fato, a influência de sua língua se fez mais visível, principalmente, porque são mais facilmente reconhecidos nos aspectos religiosos de sua cultura. Por essa razão, a investigação sobre culturas africanas no Brasil tem sido baseada em diversos candomblés de tradição nagô-queto em destaque em Salvador. Trata-se de um procedimento de pesquisa que tem ocorrido desde o início dos estudos afro-brasileiros em fins do século passado e que foi adotado por importantes intelectuais nacionais e estrangeiros.

Durante esses séculos de contato dos falantes africanos com a língua portuguesa no Brasil, o português brasileiro foi se desenvolvendo e adquirindo suas especificidades, em parte, devido à influência da fala africana, tomando ainda, como base, uma matriz indígena já existente no Brasil. A língua africana, por sua vez, sofre um processo de aportuguesamento.

2.3 As estruturas lingüísticas

A importância dos estudos sobre o contato das várias línguas se revela pela possibilidade de compreensão da mudança estrutural que se opera dentro delas, e de se observar de que forma o contato entre sistemas lingüísticos distintos pode determinar especificidades estruturais e gramaticais das línguas humanas. Como já afirmamos anteriormente, a maioria das pesquisas não consideram a hipótese da língua africana atingir a estrutura do português no Brasil. No entanto, tem se verificado, atualmente, mudanças na ótica dos estudos com respeito a esse tema.

Dentro de uma dada língua existem restrições que atuam na captação e adaptação de elementos estruturais de outras línguas, estando o grau de aceitação desses elementos intimamente ligado a uma correspondência ou semelhança com suas próprias tendências internas.

Nesse sentido, podemos sublinhar certas semelhanças entre a língua portuguesa e a língua africana. Conforme Castro, o intercâmbio lingüístico, entre África e Brasil foi provavelmente favorecido pela proximidade relativa da estrutura lingüística do português europeu antigo e regional com as línguas negro-africanas que o mestiçaram.

Entre essas familiaridades, destaca-se o sistema de sete vogais orais (a, e, ê, i, o, ô, u) e a estrutura silábica ideal (CV.CV) (consoante vogal.consoante vogal), em que se verifica a preservação do centro vocálico de cada sílaba, mesmo átona. Essa forma de proximidade casual, possivelmente possibilitou a continuidade da pronúncia vocalizada do português antigo na modalidade brasileira, distinguindo-a, portanto, do português de Portugal, que apresenta uma pronúncia muito consonantal, menos próxima do linguajar brasileiro (CASTRO, 2001).

A esse respeito, vale a pena destacar que existem semelhanças entre o português falado no Brasil e na África, em relação ao ritmo, à cadência da língua, devido à ocorrência dessa intercalação entre consoante e vogal presente nas palavras em geral.

Castro (2001) afirma que, com respeito à fonologia, a especificidade do português brasileiro, no que se refere à sua distinção do português de Portugal, é produto de um confronto de forças que se opõem, mas também se complementam. De um lado, um impulso explícito dos sistemas fônicos africanos em direção ao português, e, em sentido inverso, do português em direção aos sistemas fônicos africanos. Sem esquecer, no entanto, que essa relação ocorre sobre a base da língua indígena, que já existia no Brasil.

Alguns especialistas no assunto salientam que a influência africana que se apresenta na área da fonética conjugou-se com a influência indígena, destacando-se, aqui, a dificuldade em se identificar a ação de cada uma separadamente. Essa influência tornou-se presente, principalmente, na linguagem falada que conhecemos por "caipira", utilizada pelos falantes da área rural, em geral. Ou seja, os vocabulários rústicos, característicos do nosso falar roceiro.

Desse linguajar, podemos destacar, entre outras características:

- a perda do r e do l pós-vocálicos: amô (amor), jorná (jornal), papé (papel) flô (flor), imaginá (imaginar); (COUTINHO, 1976, 326);

- o princípio da economia lingüística: fio (filho), mió (melhor), muié (mulher), gibêra (algibeira), quano (quando), tá (está) cunzinhá (cozinhar), vancê, vamicê, mecê, ocê(você), sinhô, nhonhô, ioiô, inhô, nhô (senhor), sinhá, nhanhá, iaiá, inhá, nhá (senhora); (COUTINHO, 1976, p. 326).

De acordo com Yeda de Castro (2001), considerando a heterogeneidade da língua portuguesa no Brasil, os aportes africanos foram integrados ao sistema lingüístico do português brasileiro, conforme os níveis de linguagem socioculturais, enquanto o português de Portugal (antigo e regional) foi recebendo a influência africana, de certa forma, pelo fato de uma longa convivência. Os diversos graus de resistência com respeito a essas influências mútuas ocorrem em função de fatores de ordem sociocultural, sendo que esse processo de hibridização lingüística é favorecido pelo nível de mestiçagem biológica presente no Brasil.

3 O AFRICANO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: a força da língua oral

É importante destacar que as palavras africanas que aqui foram transmitidas não devem ser compreendidas simplesmente como uma relação de lexemas, antes de tudo, elas significam um modo de vida, uma maneira de conceituar a realidade, uma forma de representação de mundo (PETTER, 2008).

Nas culturas da África negra, atribui-se às palavras uma energia vital, um poder de manipular forças. As palavras são fontes de conhecimento e, por isso, devem ser valorizadas e tratadas cuidadosamente (PETTER, 2008).

Essa riqueza das palavras africanas diz respeito também às características das sociedades orais, onde a solidez do laço existente entre o homem e a sua palavra é mais forte, conferindo valor ao testemunho, à tradição oral.

A esse respeito, podemos destacar que, em algumas línguas bantas, afirma-se que o pensamento reside no coração, passa pela cabeça e é reproduzido na fala.

Foi esse modo de transmissão da palavra que se reproduziu no Brasil através das interações pessoais, dos falantes de línguas africanas, representantes de práticas sociais e conhecimentos específicos, e falantes de outras línguas (indígenas e portuguesa, inicialmente), também portadores de experiências e conhecimentos próprios (PETTER, 2008).

Observando cuidadosamente as palavras de origem africana, percebemos o aspecto informal que as regem. Presentes principalmente no campo da fala, apresentam uma grande consonância com sua característica mais notável e que, inclusive, favoreceu sua difusão em território tão amplo como o nosso: a oralidade.

Considerando essa presença marcante no âmbito da informalidade, outro aspecto importante a observar é que muitas palavras de origem africana que constituíram o português falado no Brasil se remetem a formas de tratamento que

indicam relações de proximidade, afetividade e respeito, (como mano, xodó, babá, paparicar, nanar, cafuné), expressas na forma de substantivos e de verbos.

3.1 Vocábulo Africanos

Diversos vocábulos africanos produziram compostos e derivados, como pé-de-moleque, molecagem, angu-de-carço, azeite-de-dendê, congada, entre tantas outras.

Podemos destacar, também, a formação de *capanga*, cuja forma normal é *panga* (companheiro), que entrou para o português acrescida do prefixo diminutivo *ca*. Considera-se que, na origem, "capanga" significava "companheirinho".

Atribui-se à procedência africana, provérbio como "por fora, muita farofa; por dentro, molambo só".

Enfim, várias palavras de procedência africana foram incorporadas à língua portuguesa falada no Brasil, dentre elas, sublinhamos:

- topônimos, isto é, nomes de lugares e locais: Bangu, Caxambu, Carangola, Guandu, Muzambinho, Cacimba;
- desígnios de divindades, ministros de cultos, práticas, rituais, credices: Xangô, Exu, Iemanjá, Ogum, catimbau, macumba, mandinga, muamba, canjerê, gongá, zumbi;
- danças, instrumentos musicais e roupas: tanga, bangulê, batucagé, batuque, lundu, maracatu, samba, banza, marimba, urucungo;
- alimentos, iguarias, bebidas: abará, acará, acarajé, ambrozó, angu, efeô, mugunzá, quenga, quibebe, quitute, vatapá, cachaça;
- animais, insetos, plantas, frutos: caxinguelê, camundongo, gongolô, marimbondo, tatanguê, mutamba, dendê, jiló, quiabo;

- inflamações, doenças, deformidades, partes do corpo: calombo, caxumba, cafife, maculo, calandu, banzo, capenga, bunda;
- objetos de uso, enfeites: cachimbo, carimbo, malunga, miçanga;
- habitação, local de reunião onde se exerce alguma atividade, prisão: cubata, quim bembe, mocambo, senzala, quilombo, bangüê;
- pessoas, levando em consideração o sexo, a idade, a condição social, a camaradagem: macota, oba, soba, zambi, moleque, denço, corumbá, mucama, malungo, mobica;
- destacam-se, também, alguns adjetivos brasileiros de origem africana: banguelo, caçula, capiongo, macambúzio, mazanza;
- verbos, formados de nomes já integrados no idioma: aquilombar, banzar, batucar, cochilar, candongar, sungar, xingar;
- algumas palavras afro-negras formaram palavras compostas e derivadas: angu-de-carço, pé-de-moleque, azeite-de-dendê, banzeiro, congada, quiabal, molecagem.

Castro (2001) apresenta um vocabulário afro-brasileiro riquíssimo, com palavras que têm origem em idiomas bantos, em línguas como: quicongo (kikongo, kikoongo/ língua falada pelos bacongós); quimbundo (kimbundo/ língua falada pelos ambundos); e umbundo (língua falada pelos ovimbundos).

De acordo com a autora, os aportes bantos ou bantuísmos estão associados ao regime da escravidão (senzala, mucama, bangüê), enquanto a maioria deles está completamente integrada ao sistema lingüístico do português, formando derivados portugueses a partir de uma mesma matriz banto. É o caso de termos como esmolambado, dengoso, sambista, xingamento, mangação, molequeira, caçulinha. Em alguns casos, a palavra banto chega a substituir a palavra de sentido equivalente em português: corcunda por giba, moringa por bilha, molambo por trapo,

xingar por insultar, cochilar por dormir, caçula por benjamim, dendê por óleo-de-palma, bunda por nádegas, marimbondo por vespa, carimbo por sinete, cachaça por aguardente (CASTRO, 2001).

Verificam-se aportes lexicais tanto antigos - que entraram para o domínio da língua portuguesa no período colonial e que já estão totalmente integrados ao sistema lingüístico do português - como os contemporâneos - que ainda estão em processo de trânsito contínuo para o português.

Dentre os antigos, encontramos aqueles associados ao regime de escravidão e os introduzidos por elementos novos como fauna, flora, alimentação, religião etc. Dentre os contemporâneos, a maioria é proveniente do candomblé, nas palavras do autor francês Bolouvi “lugar de manifestação, conservação e de difusão do legado lingüístico negro-africano” (Lébéné Philippe Bolouvi 1994 apud Petter, 2002, p. 134).

De acordo com Castro (2001), a influência de línguas negro-africanas no português do Brasil não se restringiu à presença no vocabulário, pois a grande resistência que se teve no processo de integração dos diferentes povos africanos no Brasil durante a escravidão é decorrente de fatores históricos, sociais e econômicos, e não devido à superioridade de uma determinada cultura sobre outra. Em sua perspectiva, a presença do povo banto foi marcante e constante em todas as regiões do Brasil, onde se exigiu mão-de-obra escrava, em consequência disso, a contribuição banta é menos visível justamente por estar mais integrada ao processo de síntese pluricultural brasileiro.

O influxo de línguas negro-africanas no português do Brasil não se limitou aos aportes de vocabulário, porque foi mais profundo do que se admite como parte do processo de configuração do perfil da língua falada no Brasil e das diferenças que a afastaram do português falado em Portugal.[...] O grau de resistência oferecido à mudança e à integração pelos diferentes povos africanos que foram transplantados para o Brasil durante a escravidão é decorrente de fatores históricos, sociais e econômicos que lhes foram mais ou menos favoráveis e não devido à superioridade de uma determinada cultura sobre outras, como se tem pretendido.[...] (CASTRO, 2001, p. 129).

Assim, a autora reforça o papel do escravo - ainda que em condições materiais e sociais de desvantagem - como um agente ativo e resistente nas relações sociais e culturais. Esse posicionamento opõe-se à teoria defendida por muitos lingüistas que considera que os africanos escravizados só conseguiram se

comunicar após o aprendizado de um dos idiomas europeus, ou de uma linguagem simplificada baseada nesses idiomas, a língua “pidgin”. A referida explicação é semelhante à dada em relação aos índios no Brasil, segundo a qual, a língua Tupi foi criada artificialmente pelos jesuítas, baseada nas estruturas lingüísticas indigenistas.

3.2 Religião e música

É importante destacar o desempenho sociolingüístico por parte de gerações de lideranças afro-religiosas que sobreviveram a diversas formas de perseguições, sendo detentoras de uma linguagem litúrgica de base africana, cujo conhecimento é veículo de integração e ascensão na hierarquia sócio-religiosa do grupo, porque nela se encontra guardada a noção maior de segredo dos cultos. Uma espécie de resistência pacífica, porém eficiente. As religiões afro-brasileiras mais conhecidas são genericamente chamadas de Candomblé na Bahia, Xangô em Pernambuco e Tambor de Mina no Maranhão.

Diversos estudiosos africanistas vêem na religião o foco de irradiação e transmissão do léxico de origem africana no português do Brasil. Para Castro (2001), as línguas africanas ficaram resguardadas por sistemas lexicais, que foi a parte que se mostrou mais resistente à mudança, sob a forma de língua-de-santo, ou num repertório menor, nas linguagens encontradas em vários núcleos do país, onde se abrigaram quilombos.

A língua usada nos cultos afro-brasileiros não representa mais uma língua africana conservada na sua pureza, uma vez que as comunidades afro-brasileiras foram constituídas por povos de etnias, línguas e dialetos diversos. Para os fiéis, não importa saber a tradução literal de cada palavra ou expressão que ela contém, mas o seu papel simbólico dentro do culto.

As línguas africanas, utilizadas atualmente em diversos ritos, apresentam-se como veículo de expressão dos cânticos, saudações e nomes dos iniciados, podendo, ainda, servir como meio de comunicação entre alguns adeptos da mesma comunidade de culto.

Essa língua-de-santo é a fonte atual dos aportes lexicais africanos no português do Brasil. Podemos dizer que a música popular brasileira é hoje um de seus principais meios de divulgação, em razão de muitos dos seus compositores serem membros ou simpatizantes de comunidades afro-religiosas, como é o caso de Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre outros de igual importância. Destacamos, como exemplo, a palavra “axé” (de étimo fon/iorubá) - que se tornou um estilo musical - que nos remete aos fundamentos sagrados de cada terreiro, sua força mágica, e empregada como termo sagrado equivalente a “assim seja”, da liturgia cristã, ou então, “boa-sorte”.

Considerando a marcante influência africana na formação do canto popular brasileiro, devemos certamente a esse contacto o alcance de nossa variedade rítmica, que é sem dúvida, uma das nossas riquezas musicais. A língua brasileira se enriqueceu de uma grande quantidade de termos sonoros e mesmo de algumas flexões de sintaxe e dicção, que influenciaram, necessariamente, a conformação da linha melódica. Por tudo isto, é fácil perceber que a influência negra foi decisiva na formação da nossa música popular.

3.3 Resgatando a presença lingüística africana

Segundo Castro (2001), o tema referente à influência de línguas africanas no português do Brasil, contribuindo, em parte, com as especificidades de nossa língua em relação ao português de Portugal ainda tem sido objeto mais de omissão do que de reflexão entre lingüistas e filólogos brasileiros. De acordo com a autora, a resistência para tratar do assunto encontra razões de ordem histórica e epistemológica, mas remete-se, principalmente, ao prestígio atribuído à escrita face à oralidade, devido a uma pedagogia que durante séculos tem privilegiado o ler e o escrever, negligenciando o grande valor inerente ao ato de falar e ouvir. Desse modo, costuma-se rejeitar a hipótese da presença de línguas africanas no sistema lingüístico do português do Brasil, em função de uma certa postura lingüística de não admitir que línguas de tradição oral pudessem influir em uma língua de reconhecimento literário como a portuguesa. Conseqüentemente, os fatos que

podem contrariar essa interpretação lingüística, ou seja, que evidenciem a influência dos africanos em nossa língua, tendem a ser vistos como deformações da língua portuguesa brasileira, em vez de serem percebidos como um lugar de expressão de resistência e de defesa cultural dos falantes africanos diante de um novo sistema lingüístico que lhes foi imposto.

Sabemos, também, que ainda estamos atrelados à noção de que os proprietários da língua eram portugueses, cabendo só a eles estabelecerem os procedimentos quanto à mesma. A esse respeito, autor Bagno, em seu livro “Preconceito Lingüístico”, destaca que na cidade de São Paulo, no século XVII, apenas dois de cada cinco habitantes conheciam o português.

Nos primeiros dois séculos após a chegada de Cabral, o que se falava por estas bandas era o tupi mesmo. O idioma dos colonizadores só conseguiu se impor no litoral no século passado. Era possível escutar alguns caipiras contando casos nhengatu até os anos 40. (...) Era o idioma do povo, enquanto o português ficava para os governantes e para os negócios com a metrópole. (BAGNO, 2001, p. 91).

A linguagem é uma forma de expressão característica de um comportamento social, por isso, não se separa de suas funções sociais e interacionais. Nesse sentido, considerando as discussões acerca das transformações ocorridas na língua por conta das influências afro-negras, podemos observar que o estigma associado às variedades não-padrão da língua limita muito a compreensão de nossa história sócio-lingüística.

Desta forma, vale ressaltar que o estudo lingüístico das comunidades afro-brasileiras é uma contribuição necessária para as pesquisas sobre os diversos dialetos do Brasil, as quais devem integrar-se, dentro de uma metodologia comum e eficiente, no levantamento e descrição das variedades do português brasileiro. Assim, tais estudos podem configurar um horizonte seguro para se identificar o caráter específico da língua nacional, que não deve ser considerada como um bloco homogêneo, pois apresenta diversas distinções que merecem ser avaliadas.

Enfim, sem o conhecimento de elementos sobre nossa identidade lingüística pouco se poderá realizar a respeito da história do português do Brasil. E, embora essa história seja prejudicada pela ausência de documentos escritos, conta, no

entanto, com a fala diferenciada dos brasileiros, a qual ainda apresenta muitas questões a serem compreendidas.

Por outro lado, é importante destacar que o fato de as referências africanas passarem despercebidas, de certa forma, diz respeito à sua incorporação aos níveis mais cotidianos da expressão oral, demonstrando, assim, a eficiência de uma herança formadora de nossa especificidade lingüística. Ou seja, muito provavelmente, a eficácia dessa combinação lingüística que ao longo do tempo foi configurando a singularidade da nossa língua pode, em parte, ser compreendida pelo mesmo fenômeno que explica as dificuldades de se localizar nossas referências lingüísticas. Ou seja, nesse caso, o sucesso dessa hibridização está, em boa parte, no próprio fato de passar despercebida.

Esse mesmo processo mostra como a presença africana ocorre de forma hierarquizada no espaço social, revelando, assim, através da linguagem, as barreiras sociais com respeito às nossas definições identitárias.

Sobre o contato entre a língua portuguesa e as línguas africanas, alguns autores afirmam que, ao contrário de uma ruptura, o que existe entre África e Brasil é uma continuidade lingüística. Quanto aos que ainda resistem em considerar a importância dos povos e das línguas africanas no Brasil, muitos autores destacam que não se trata, nesse caso, de mera “influência” ou de “contribuições” isoladas, já que esses povos e essas línguas efetivamente nos constituem. Ao que tudo indica, as pesquisas mais recentes tendem a convergir nessa direção.

A esse respeito, podemos destacar o interessante parecer do autor Eberhard Gärtner, que ao se debruçar sobre a influência e a importância da língua africana no português brasileiro, apresenta-nos a seguinte conclusão:

Analizamos aqui alguns fenômenos morfossintáticos do PB, nomeadamente de suas variedades incultas, que têm paralelos no português inculto de Angola e Moçambique, fato pelo qual os consideramos como resultados do contato lingüístico no Brasil Colônia, nomeadamente com línguas africanas. A existência desses fenômenos – ou de outros que podem ser considerados conseqüências suas – na língua falada culta, apresenta-se-nos, assim, não como resultado de uma mudança intra-sistêmica num subsistema da mesma, mas sim, como extensão de fenômenos das variedades incultas para o registro informal da linguagem culta, que poderá levar à sua consolidação final na norma culta codificada.”(GÄRTNER, 2002, p 328).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, no decorrer de nosso trabalho, sublinhar caminhos e perspectivas que se têm desenvolvido com respeito aos estudos sobre a presença das línguas africanas no português brasileiro.

Como vimos, ainda há muito a se compreender sobre o modo como o contato com milhões de falantes africanos afetou o desenvolvimento do português do Brasil. Sabemos que para isso é preciso que haja um maior conhecimento acerca das situações sociolingüísticas que se configuraram no território brasileiro, em virtude da integração dos afro-negros na comunidade de fala brasileira; o que poderá nos levar a uma apreciação mais objetiva dessas populações que constituíram a formação do povo brasileiro, assim como do português do Brasil.

Sabemos que não se conhece ao certo o número de afro-negros que estiveram no Brasil na época da escravidão. No entanto, qualquer que seja o número, é inquestionável, entre os autores, o peso demográfico do segmento de africanos e seus descendentes na formação da sociedade brasileira. As pesquisas mais recentes tendem a considerar que a inserção desses amplos contingentes na sociedade brasileira e a sua miscigenação racial com os colonizadores brancos trouxeram consequências fundamentais na formação cultural e lingüística do Brasil.

Os traços lingüísticos da integração desses milhões de escravos africanos na sociedade brasileira foram logo reconhecidos no âmbito lexical, no entanto, a compreensão a respeito do modo como esse processo histórico afetou a estrutura gramatical da língua portuguesa no Brasil é tema controvertido entre os estudiosos desde o final do século XIX e ainda hoje se apresenta como desafio para os lingüistas.

No âmbito da história da língua portuguesa no Brasil, destaca-se a necessidade de ampla pesquisa acerca da documentação histórica sobre o tema, buscando-se, assim, novas referências empíricas a respeito dos contextos sociolingüísticos que configuraram a formação histórica da identidade lingüística brasileira. Os dados históricos são significativos para a compreensão do atual panorama lingüístico do país, especialmente no que tange à grande diferenciação do português brasileiro em relação ao português europeu e ao papel desempenhado nesse processo pelo amplo e massivo contato do português com as línguas africanas nos quatro primeiros séculos da história do Brasil.

Por outro lado, diversos estudos atuais têm revelado como uma valiosa fonte de pesquisa o conhecimento mais aprofundado sobre nossa realidade lingüística contemporânea. Trata-se de um campo fértil para novos horizontes de estudo, e trilhas de interpretação.

Nessa perspectiva, alguns pesquisadores têm chamado atenção para importância de se realizarem estudos das comunidades de fala afro-brasileiras, onde ainda se poderiam encontrar os indícios mais notáveis do tipo de mudança que o processo histórico do contato entre línguas teria provocado na estrutura do português brasileiro. Consideram-se tais comunidades, dispersas em lugares remotos do interior do país, como um dos grandes territórios desconhecidos de nossa realidade lingüística brasileira.

Assim, são muitas as tarefas que atualmente se impõem para os lingüistas brasileiros voltados para esse instigante tema.

A insipiência de estudos que possam oferecer uma maior clareza acerca de uma caracterização sócio-histórica da realidade lingüística brasileira, mesmo com alguns significativos avanços oriundos de iniciativas particulares de alguns grupos de pesquisa, representa uma lacuna no conhecimento e na promoção da identidade cultural do país, o que traz conseqüências significativamente negativas no desenvolvimento de práticas pedagógicas e políticas de integração social e preservação cultural.

Por fim, esperamos que nosso trabalho tenha apresentado alguma contribuição, por menor que seja, a respeito da valorização e do papel social e lingüístico dos estudos sobre a língua africana no português brasileiro.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Lingüístico**. São Paulo: Loyola, 2001.

BONVINI, E. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L. ; PETTER, M. M. T. (orgs). **África no Brasil**: formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008.

CÂMARA JR., J.M. Línguas Européias de Ultramar: o português do Brasil. In: UCHÔA, C. E.. F. (org). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.**, Rio de Janeiro, FGV, 1975.

CASTRO, Y. P. de. **A língua mina-jeje no Brasil**: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Secretaria de Estado da Cultura, 2002.

_____. **Falares africanos na Bahia**. Um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: ABL/TOPBOOKS, 2001.

COUTINHO, I. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

FREIRE, P. **Comunicação ou Extensão?**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GÄRTNER, E. (2002) Tentativa de explicação diacrônica de alguns fenômenos morfossintáticos do português brasileiro In: ALKMIM, T. M. (Org) **Para a história do português brasileiro** (vol. III Novos Estudos) São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002. pp 293-328.

HOUAISS, A. **O Português no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Revan, 1922.

LOPES, N. **Bantos, malês e identidade negra**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

NEGRÃO, E. V. ; VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Org.) **África no Brasil: formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008.

PETTER, M. Termos de origem africana no léxico do português do Brasil. Em: NUNES, J. H.; PETTER, M. (Org.). **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Pontes, 2002.

RAMOS, A. **Introdução à antropologia brasileira**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Livraria Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1961.

SEVERINO, A J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21. ed. São Paulo: 2000.

SILVA NETO, S. da. **História da língua portuguesa do Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1988.